

**Museu da Imigração****Coleção de História Oral****Núcleo:** Pesquisa**Projeto:** Deslocamentos Indígenas e Negros**Entrevistada:** Poty Poran Turiba Carlos**País de Origem:** Brasil**Data da gravação:** 21/08/2023**Forma do Documento:** Gravação em vídeo, áudio e transcrição.**Autor da transcrição:** AudioText**Pessoas presentes na gravação da entrevista:** Thiago Haruo Santos, Marci Jean Pereira Santana, Jemima Ajayi**Local:** Aldeia Ytu – Terra Indígena Jaraguá – São Paulo**Duração:** 01:51:52**RESUMO**

Poty Poran Turiba Carlos é uma mulher indígena da etnia guarani mbya que nasceu na cidade de São Paulo e atualmente vive na Terra Indígena Jaraguá na zona norte da capital paulista. Nesta entrevista, Poran conta da sua infância, da história de vida dos seus avós e pais e suas relações familiares. A entrevistada também fala dos caminhos que a levaram a formação universitária e consequentemente da sua jornada na área da Educação enquanto professora e diretora de escolas indígenas. Além disso, Poran relata os caminhos que a levaram a ser hoje gerente da UBS presente na aldeia Ytu, explanando como foi a sua experiência pandêmica. Poran também expõe suas vivências tanto na Terra Indígena Jaraguá como na Terra Indígena Tenondé Porã.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher; maternidade; povos indígenas; guarani mbya; terras indígenas; educação; saúde; família; pandemia.

**MUSEU:** Boa tarde. Hoje é dia 21 de agosto de 2023. Estamos aqui pelo projeto de história oral, deslocamento indígenas e negros, eixo deslocamentos indígenas em São Paulo. Estou eu presente, Thiago Haruo Santos, Jemima Ajayi e Marci Jean. Estamos aqui na presença de Poran. Ela vai falar o nome dela completo e também falar onde a gente se encontra, o nome do local onde a gente se encontra, por favor.

**Poty Poran:** Meu nome é Poty Poran Turiba Carlos. Poran é o nome mais fácil que eu tenho de pronunciar, então por isso que eu peço que me chamem de Poran. A gente está na terra indígena Jaraguá, TI Jaraguá, e tem oito aldeias, a gente está na Tekoa Ytu, que foi a primeira aldeia, aí a gente tem Pyau, Tekoa Pyau, Tekoa Ita Wera, Tekoa Itakupe, Tekoa Pindo Mirĩ, Tekoa Yvy Porã e Tekoa Mirĩ. Então são essas as aldeias. Eu não sei se eu falei a Tekoa Itaendy. Não falei, estou falando agora.

**MUSEU:** São oito?

**Poty Poran:** Oito.

**MUSEU:** No total. Ótimo. Bom, eu queria então saber qual é o seu ano de nascimento e o local também, se você puder contar.

**Poty Poran:** Eu nasci aqui mesmo, em São Paulo, capital. Eu nasci em 1977.

**MUSEU:** E seus pais, de onde eles são originalmente?

**Poty Poran:** A minha mãe é Guarani Mbya, aqui dessa aldeia mesmo, da Tekoa Ytu. E meu pai é Krenak, aliás, ele era Krenak, ele já faleceu, e ele é de Minas Gerais.

**MUSEU:** E seus avós, você poderia contar também de onde eles são?

**Poty Poran:** Os meus avós paternos, existe assim ainda uma nebulosidade, um mistério, talvez, na história do meu pai, porque se sabe que ele é Krenak, mas a história familiar dele é muito complicada. Ele começou sendo, dentro da família ele é o mais novo, o caçula, de várias irmãs, e ele é o único homem, e aí quando ele tinha, mais ou menos, por volta dos nove anos de idade, ele descobriu que ele era adotado, mas na verdade não adotado, estava escrito na certidão de nascimento dele filho ilegítimo, que nessa época significava que era um filho fora do casamento, e essa certidão de nascimento dele mostrava que ele, na verdade, era filho de uma indígena, dessas histórias que foi pega a laço, enfim, pega a dente de cachorro, e aí o pai dele. Então, assim, a história, como eu disse, é um mistério, por quê? Porque pode ser contada romanticamente, como foi contada algumas vezes para o meu pai, que o pai dele teve um romance com uma indígena, e essa indígena teve, que é uma indígena Krenak, que é a população originária lá de Minas, e aí ela teve um filho, e ela pegou e entregou o filho para o pai criar, e não quis saber do filho, foi embora, sumiu. Outros dizem que ela morreu no parto, mas o pai dele já tinha esposa, e a esposa dele já tinha os outros filhos. Então fica esse mistério, por quê? Porque não se sabe se é isso, se tem essa parte romântica, se ela foi realmente pega a laço, que significa que ela foi sequestrada. E outra possibilidade, que acontecia bastante na época, era que os fazendeiros roubavam crianças de dentro da aldeia, então pode ser que meu pai não seja nem mestiço, que meu pai fosse um indígena puro que foi roubado, principalmente por essa ideia de ele ter só irmãs, e nessa época era muito, assim, para os fazendeiros era muito importante ter um filho homem, que aí continuar o seu trabalho, continuar a sua terra, a sua herança, então por ele só ter filha, e ele ser o único menino, que a gente também pode pensar nessa ideia de ele

ter sido sequestrado de uma aldeia. Então ainda existe esse mistério, a gente não sabe dizer qual que é a verdadeira origem dele.

**MUSEU:** Ele veio de Minas?

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Criança ainda?

**Poty Poran:** Não. Isso, como eu disse, ele descobriu aos nove anos, teve uma relação muito conturbada depois disso com a família. E aí, aos 12 anos ele fugiu de casa e veio para São Paulo.

**MUSEU:** Sozinho?

**Poty Poran:** Sozinho. Sem nada, e veio viver aqui.

**MUSEU:** Então, ele não viveu o ambiente de comunidade de povos indígenas.

**Poty Poran:** Indígenas. Nem na infância dele, com os pais, ele vivia na fazenda, ele conhecia as terras indígenas, que as terras indígenas eram próximas às fazendas, mas depois que ele descobriu ser filho ilegítimo, ele teve um pouco mais de contato, mas nunca chegou a estabelecer um laço, mas depois disso ele se identificava como indígena. O nome dele é Turiba, tanto que meu nome Turiba vem da parte dele, e aí ele sempre se apresentava como Índio Turiba. E aí ele veio para São Paulo e começou a viver a vida assim, um pouco aqui, um pouco lá. Ele era autodidata porque ele não sabia ler, nem escrever, ele nunca frequentou uma escola, ele aprendeu sozinho a ler, escrever, fazer contas, ele chegou a trabalhar até como bombeiro, em um período do tempo na vida dele, mas ele viveu mais tempo sendo uma profissão que não existe mais, existe, mas de outra maneira, que é o camelô, mas não esse camelô que a gente conhece hoje, assim, que só vende produtos, ele se autodenominava artista das ruas, aquele que fazia a roda e chamava o povo, então é o homem da cobra, então ele sempre tinha alguma coisa para mostrar, então ele fazia demonstração de mágicas, ou fazia uma demonstração com cobra, assim, que ele tinha cobra, lagarto, que ele criava. Eu cheguei a cuidar desses animais, ou fazer alguma apresentação para chamar atenção. E nessa roda ele vendia, ou remédios indígenas, plantas medicinais, ou pomadas medicinais, ou vendia patuá, que ele chamava de patuá, que era, não sei como é que chama.

**MUSEU:** Pomada?

**Poty Poran:** Não. Patuá é um tipo de, um trequinho.

**MUSEU:** Pó?

**Poty Poran:** Não. É um simbolozinho que te dá sorte. Eu não sei como é que fala o nome verdadeiro, verdadeiro não, em português. O nome atual.

**MUSEU:** Como se fosse, eu sei o que é.

**Poty Poran:** É tipo pé de coelho.

**MUSEU:** Proteção, né?

**Poty Poran:** Isso. Aí ele vendia esse patuá, que ele mesmo fazia, e fazia algumas coisas nesse sentido, e ele ganhou dinheiro, bastante, durante um tempo ele ganhou bastante dinheiro, teve até uma boa estabilidade financeira, depois ele não tinha mais nada, porque meu pai sempre foi, assim, a pessoa que bebia muito, desde os 12 anos de idade,

que foi quando ele fugiu de casa, envolvido também com jogos, então era uma vida meio não regrada. Meu pai chegou a ter três famílias ao mesmo tempo, então ele era casado com uma e tinha outras duas mulheres. A minha mãe não era a que ele era casado, ele era só amigado com ela. Então, assim, uma vida muito louca. Agora, os meus avós por parte da minha mãe, o meu avô era o Joaquim, Joaquim [palavra incompreensível], deles eu tenho um pouco mais de consciência da história deles, por conta de ter convivido com eles, tanto com o meu avô, quanto com a minha avó, e de ouvir da própria boca deles como que eles vieram parar aqui. Meu avô é Guarani Mbya, e nós, Guarani Mbya, até hoje a gente ainda, o que vocês chamam de nômades, a gente não nos consideramos nômades, porque a gente considera o nosso território, nosso território tradicional, ele vem lá de baixo, Paraguai, Argentina, Bolívia, aí pega Brasil, do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, e um pouquinho do Mato Grosso, acho que é Mato Grosso do Sul, e aí todo esse território é o território Guarani Mbya. E quando a gente muda de um território para outro a gente não considera como migração ou como nômade, a gente considera que a gente está no nosso território, na nossa terra. Então, assim, há uma movimentação muito grande entre os Guaranis Mbya, até hoje ainda há uma movimentação muito grande, então na época que meu avô estava vindo, porque, assim, a minha bisavó vinha de um casamento muito sofrido, porque, até eles falam, assim, o marido dela era muito ruim, que aí significa que provavelmente ela sofria abuso, agressão, coisa assim, e ela fugiu dele com os dois filhos pequenos, e fugiu nisso, nessa caminhada, porque aí os Guaranis, essa mudança que vem de um lado para o outro é só na caminhada, a gente não muda usando carro, essas coisas assim, principalmente naquela época, que era bem antigamente. Acho que, pelas contas, meu avô morreu com mais de 90 anos, pode ter morrido com 100 anos. Inclusive, a história que conta era que o Marechal Teodoro da Fonseca foi na aldeia e falou que tinha terra indígena aqui em São Paulo, e deu uma medalha para eles, que eles poderiam se deslocar com a medalha, então foi aí que minha bisavó veio com os dois filhos, então imagina, se meu avô era criança na época do Marechal, ele morreu em 92, eu acho, então é possível que ele tenha morrido com mais de 100 anos.

**MUSEU:** Começo do século.

**Poty Poran:** É.

**MUSEU:** Provavelmente ele viveu a infância.

**Poty Poran:** Então, é que aí lá em Bauru, quando estava passando à população indígena, ele ficou doente. Bauru, não, Sorocaba. Em Sorocaba, ele tinha ficado doente, e aí ele foi levado para o hospital. E ali, assim, é uma população que não fala português, que não entende o que está acontecendo, então eles só foram embora e deixaram o meu avô lá, e aí foi até notícia, que o indígena foi abandonado, uma criança indígena, então ali ele deveria ter por volta dos dois a quatro anos de idade. De dois a quatro anos de idade, e foi deixado ali, em Sorocaba, no hospital, e ele acabou indo parar em um orfanato, ele foi criado por uma família de alemães, que estava cuidando aqui na coisa, inclusive que era sócio da, sócio ou presidente, não sei bem qual era a ligação, mas eu sei que tinha uma ligação com a National Geographic. E aí, ele acabou sendo criado assim, e ele foi criado no meio dos não indígenas, tanto é que ele falava alemão e não falava Guarani, falava alemão e português. E aí depois, com uma certa idade, já uma idade avançada, uns 40 anos, mais ou menos, ele já tinha tido a primeira esposa, a esposa dele faleceu, teve um filho, ele meio que resolveu ajudar os indígenas, tanto é

que ele era chamado, isso são histórias familiares, não sei dizer qual é a veracidade disso, mas pela história familiar ele era chamado de cacique sem aldeia, porque ele tinha uma representação política, onde ele conseguia benefícios para os indígenas, para a população indígena, mas ele não tinha mesmo uma aldeia, ele não tinha mesmo um território, tanto porque ele morava na cidade, e por ter estudado, por ter tido essa coisa assim, ele conseguia muito lidar com os não indígenas, a política, as lideranças.

**MUSEU:** Ele cresceu em Sorocaba?

**Poty Poran:** Eu acho que sim.

**MUSEU:** Nessa família, provavelmente?

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Em Sorocaba. Estudou?

**Poty Poran:** Sim. Ele fez o científico, que era considerado um tipo de faculdade. E aí, eu sei, que por volta dos 40 anos ele se envolveu com a minha avó, aí eu não sei, eu acho que ele já tinha uma liderança política, mesmo porque a minha avó foi dada a ele para casar, porque também isso era bem comum, na cultura Guarani. Você arranjar o casamento, os casamentos eram arranjados, então meu avô era viúvo, e aí já andando pelas aldeias, provavelmente conversou com meu bisavô, e a minha avó foi dada a ele como esposa. Assim, para ela não é nada. É, um pouco agressivo se a gente pensar agora, violento, mas para a época e para a cultura não era, e ela tinha por volta dos 14 anos de idade, e ele por volta dos 40, então ele casou com ela, dentro da tradição Guarani, e ela veio viver com ele aqui na cidade.

**MUSEU:** Ambos guaranis?

**Poty Poran:** Ambos guaranis, só que o meu avô guarani criado na cidade, e a minha avó guarani criada dentro da aldeia, falava guarani. E aí, o que acontece? Quando ela veio morar para cá, eu acho que eles já estavam aqui em São Paulo, ela não se adaptava à cidade, e meu avô não se adaptava à aldeia, então eles estavam ali em um dilema, porque o meu avô, apesar de ser jardineiro, de lidar um pouco assim com as plantas, ele não conseguia viver dentro da aldeia, e minha avó não conseguia viver dentro da cidade, então eles passaram a viver em chácaras, que era um meio termo para os dois, entendeu? Chácaras, onde a minha avó podia viver a sua cultura, dentro da sua tradição, do jeito que ela gostava de viver, e meu avô também não estava longe da cidade, estava no conforto, em uma casa que para ele era confortável. Então eles resolveram ficar nesse meio termo, eles começaram a ser caseiros. E aí, com os pais de criação do meu avô, que eram da Nacional Geográfica, pediu para eles virem para cá, cuidar da terra daqui.

**MUSEU:** Que era deles?

**Poty Poran:** Era dessa associação. E aí eles pegaram e ficaram como caseiros aqui. Mas também não só isso. Também tem uma história de que meu avô, por ele não ser tradicional, teve uma criança que ficou doente, e essa criança, as lideranças queriam que ela fosse, a liderança não, os pais dela, os parentes dela queriam que ela fosse levada para a nossa tradição, para a casa de reza, para o Pajé, para fazer o tratamento espiritual e tratamento de saúde, no que era visto na aldeia, e ele quis levar ela para o hospital, e aí ele levou ela para o hospital, mesmo os pais não querendo, e essa criança

acabou falecendo, então isso gerou uma revolta, assim, então eles também precisavam sair do lugar deles, onde eles estavam, para vir para cá.

**MUSEU:** Então a gente estava na parte do seu avô materno, quando eles vieram viver para essa região.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Como caseiros, que foi uma forma de negociar, entre sua avó e seu avô. E você falou de uma associação, você lembra qual associação que era?

**Poty Poran:** Eu acredito que seja National Geographic, mas eu não tenho certeza, eu sei que tem a ver com geografia. Eu não tenho certeza.

**MUSEU:** Tá.

**Poty Poran:** É. Não tenho certeza se é National Geographic, eu acho que é, mas eu sei que era uma associação que tinha a ver com geografia. Porque, aqui, essa área é uma área que, em 1.500, 1.580, ela tinha uma mina de ouro, que é ali no Pico do Jaraguá, na verdade toda essa região foi minerada. Foi tirado, mais ou menos, 80, 90 anos, foi tirado ouro dessa região, e quem fazia isso era o bandeirante chamado Afonso Sardinha, então, assim, bastante área aqui tem lugares históricos, e essa associação cuidava desses lugares históricos. Então, aqui na aldeia, um pouco mais para baixo, tem um local que chamava de tanque de ouro, que não é um tanque feito de ouro, mas é um tanque onde eles lavavam o ouro, então esse tanque de ouro meu avô conservava ele, e conservava ele muito bem, era, assim, muito bem conservado, muito bem cuidado pelo meu avô. Eu me lembro, quando eu era adulta, muito bem como era o formato desses tanques, porque apesar de falar um tanque de ouro, era mais de um, tinha acho que uns três tanques. Assim que eu acho que a água, eles desviavam água do rio, que tem um ribeirão ali, ele chama Ribeirão das Lavras, porque é onde se lavava o ouro, aí eles desviavam a água, a água caía assim em um tipo de morro, assim, então tinha um tanque aqui, um tanque aqui e um tanque aqui. Entendeu? Acho que mais ou menos, que eu me lembro, de quando eu era criança, tinha três tanques, e meu avô conservava isso, então esse era um dos trabalhos deles de caseiro. E minha avó veio para cá, ela já tinha acho que dois filhos, três filhos, e teve os outros filhos aqui já. Nessa época minha mãe já era nascida, já veio para cá, com uma idade já de dez anos, mais ou menos.

**MUSEU:** E a aldeia dela se localizava onde?

**Poty Poran:** A minha avó era da aldeia do Rio Branco.

**MUSEU:** Do Rio Branco.

**Poty Poran:** Isso.

**MUSEU:** Fica na cidade?

**Poty Poran:** Não. Fica na cidade de Itanhaém, eu acho.

**MUSEU:** Itanhaém. Estado de São Paulo.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Mais sentido litoral.

**Poty Poran:** É. A gente tem aldeias Guarani em todo litoral paulista.

**MUSEU:** Essas aldeias seguem? Essa aldeia dela? Você tem notícias?

**Poty Poran:** Sim. Tem. Eu já fui lá, já visitei. Tem um caminho tradicional que os guaranis fazem, que é da terra Tenondé Porã, onde eu morei, para a aldeia do Rio Branco, que é onde a minha avó morava. Onde ela nasceu, onde ela foi criada, antes de vir para cá, antes de casar com meu avô. Inclusive, foi lá que meu avô e minha avó se conheceram, no Rio Branco. Também tem uma história familiar, que eu também, como eu disse, não sei bem qual que é a verdade, que antes de ela ser dada em casamento, meu avô teria pedido ela em casamento, ter falado com ela, e ela teria aceitado. Não sei o quanto isso é amenizar toda situação ou não.

**MUSEU:** E quem conta mais essas histórias? A sua avó? Ou contava, não sei. Ou seu avô? Qual dos dois contava mais?

**Poty Poran:** Meu avô contava bastante a história dele, dessa migração, de ele ter sido deixado lá em Sorocaba, minha avó contava a parte um pouco mais de Itanhaém, da aldeia, e depois de quando eles vieram morar aqui. E meu avô faleceu em 92, então eu tinha por volta dos 12 anos, eu acho. Não, 77, enfim, fazer as contas. Mas eu lembro que eu era adolescente já, então eu me lembro muito bem das histórias do meu avô, meu avô contando, inclusive tem um vídeo, em algum lugar, eu acho que no CTI, que tem um vídeo do meu avô contando essa história.

**MUSEU:** Tá.

**Poty Poran:** E também era a história, assim, que eu me lembro, que foi contada e passada para a gente muitas vezes. Então meu avô contava também essas histórias da parte dele, e minha avó contava bastante histórias da parte dela, assim, e também muito da cultura, muito da tradição, todo o pilar da tradição Guarani nossa, ficou, assim, a cargo da minha avó passar para a gente. As nossas crenças, as nossas coisas assim, era tudo minha avó que contava, histórias, que a gente chama de histórias sagradas, histórias de, como que fala? De origem de mundo, minha avó que contava para a gente, porque o meu avô era cristão, por ter sido criado fora, tal, aliás, ele era evangélico, vindo dessa família de alemães, mas ele nunca proibiu ela, só que por conta de ele ser cristão a gente não tinha casa de reza, que é o Opy, aqui na aldeia. Só depois que ele faleceu é que foi ter o Opy, entendeu? Então, dos meus tios, acho que uns quatro nasceram aqui, os outros já vieram nascidos quando eles vieram para cá. Minha avó teve um total de 12 filhos, oito filhos viveram até a vida adulta, e os outros faleceram ainda crianças, bebês, e eles foram tudo criado aqui, e aí conforme eles foram crescendo, eles acabaram se envolvendo com outras pessoas, só que o que acontecia? Nossa família era uma família muito isolada, então desses oito filhos, quatro se casaram com não indígenas, quatro se casaram com indígenas. Minha mãe se casou com um Krenak, ela se casou, entre aspas, todo mundo só se juntou, ninguém se casou de papel passado. Então, assim, os filhos que ficaram morando aqui são os filhos que foram casados com Guarani Mbya, aí podia ficar morando aqui, mas a terra era muito pequena, e os filhos que se casavam com não indígena ou com indígena de outra etnia, tinha que sair da aldeia, então a minha família foi uma que saiu da aldeia, por conta do meu pai ser Krenak. Então, e aí a gente morou na cidade, eu morei na cidade durante muito tempo, até os meus nove anos de idade, quando eu tinha nove anos de idade meu avô já estava velhinho, eu sempre mantive contato, apesar de morar na cidade, eu sempre vinha aqui todo ano, a gente tinha sempre uma aproximação com a família da minha avó e do meu avô. Tanto é que, apesar

de eu ser mestiça Krenak e Guarani, eu me considero Guarani Mbya porque fui criada dentro da tradição Guarani Mbya.

**MUSEU:** Qual parte da cidade você foi morar?

**Poty Poran:** Em toda parte.

**MUSEU:** Me fala um pouco, assim, se puder, cidade, região.

**Poty Poran:** Que eu me lembro. É, então, eu me lembro que a gente mudava muito, porque a gente não tinha casa nossa, então era sempre casa de aluguel.

**MUSEU:** Isso que idade, mais ou menos?

**Poty Poran:** Até os meus nove anos de idade.

**MUSEU:** Até os seus nove.

**Poty Poran:** Então eu me lembro de a gente se mudar bastante, a gente não ficava muito tempo, a gente ficava no máximo dois anos na casa, porque, ou aumentava o aluguel, ou acabava o contrato, não sei, e aí eu sei que a gente ficava em torno de dois anos em cada casa, aí a gente se mudava. Eu me lembro que as casas sempre eram pequenas, de dois quartos, geralmente, uma cozinha que também era sala, e um quarto onde era todo mundo, meus pais e meus irmãos. Diz que a gente teve um momento de grande riqueza, que meu pai contratou até uma, como é que fala? Motorista para a minha mãe, a gente tinha empregada. Babás eu sempre tive, eu me lembro de algumas babás, me lembro de algumas empregadas, mas não lembro assim. E aí, só que, como eu disse, meu pai acabou perdendo bastante dinheiro. E isso, eu acho, essa parte de riqueza, foi antes dos meus quatro anos, então eu me lembro muito pouco disso. Por exemplo, não lembro de motorista de carro. Carros, eu lembro um pouco, que eu lembro, meu pai sempre tinha Fusca, e eu me lembro do Opala. Eu me lembro do Opala que meu pai tinha por causa de uma coisa muito marcante, meu pai, como eu disse, criava cobras e lagarto, e a cobra, que era uma jiboia, que meu pai cuidava, entrou no forro do Opala, entendeu? Então eu me lembro dessa situação, então eu me lembro do Opala por causa disso, mas não é uma memória muito vivida dessa parte de riqueza.

**MUSEU:** E aí era, normalmente, uma vez por ano que vocês vinham para cá?

**Poty Poran:** Não, a gente vinha sempre. Assim, uma vez por ano eu ficava bastante tempo, por exemplo, nas férias, aí eu ficava um mês, mas eu sempre vinha.

**MUSEU:** E aí fazia o que?

**Poty Poran:** Eu acho que minha mãe vinha visitar minha avó, o pessoal almoçava, fazia almoço e tal, mas eu mesmo me lembro de brincar no mato, de brincar no rio, de nadar, de ficar brincando na mata, da gente subir em árvore, pegar no poste, ficar balançando no cipó, da gente caçar, quando era criança, a gente caçava.

**MUSEU:** O que vocês caçavam?

**Poty Poran:** Só os animais daqui mesmo, da mata. Tudo isso daqui era mato, quando eu era criança, não tinha essa estrada, quer dizer, tinha a estrada, mas era não era tão movimentada, não tinha cidade ali para cima, nem cidade aqui tão perto, era tudo região de mata mesmo. Olha, que eu lembro que a gente já pegava bastante mucura, que é saruê, não é? É saruê que fala. E ouriço e também quati. Todos esses eu já comi. Cobra também. E rã, não sei se era rã, talvez seja sapo, era algum desses animais, assim, que a

gente pegou. Pescava. A gente pescava ali no rio, hoje não dá para pescar mais, mas a gente pescava no rio, então me lembro que a gente comia bastante cascudo, é um peixe duro, assim, ele tem muito espinho, mas era tão gostoso, na época, eu me lembro, assim, uma lembrança de infância muito legal. Então era isso que a gente fazia. Então, assim, eu vivia muito a cultura quando eu vinha para cá, e a gente vinha sempre, não era, assim, não só nas férias, ou só no fim do ano. No fim do ano era regra a gente vim, porque minha avó faz aniversário, eu também não sei se isso é verdade, os guaranis não comemoram aniversário, e minha avó comemorava o aniversário dela no dia 1º de janeiro, que ela falou que nasceu no dia 1º de janeiro, mas pode ser verdade, pode ser que não, porque como os guaranis não comemoram aniversário, e aí usa uma data para ser o seu aniversário. Por exemplo, eu já vi uma família de guarani, tem vários filhos, aí faz uma festa no Natal, faz um bolo e todo mundo canta parabéns para todo mundo, entendeu?

**MUSEU:** Tá resolvido, festejou. E aí então você falou que muito da sua tradição foi passado pela sua avó.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Quais momentos, assim? Existia momentos de contação?

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Como que era esses momentos?

**Poty Poran:** Antes de eu me mudar para cá, que a gente vinha nesses períodos, minha avó sempre reunia a gente nas fogueiras e sempre contava histórias, e meus tios também contavam, minha mãe me contava, então nesse momento era um momento muito de passagem da nossa tradição. E também, quando eu vim morar aqui, aí mais ainda a gente fazia isso, mais, depois dos meus nove anos que a gente morou aqui, a gente tinha mais essas ações assim, de plantar, de caçar, de ter esse tipo de coisa. A gente tinha ligação com a nossa religiosidade, mas a gente tinha que ir em outra aldeia para fazer os rituais. E também, mesmo antes de morar aqui, eu já ia para outras aldeias para participar de rituais, que a gente tem alguns rituais anuais que a gente faz todo ano, então eu participava. Mas aí era lá na terra Tenondé Porã, que é extremo sul, lá no Marsilac, na região de Marsilac, então esse vínculo e essa identidade cultural indígena sempre foi muito forte na minha vida, apesar de em momentos da minha vida não querer ser indígena.

**MUSEU:** E esse contato, então, com a aldeia lá de Marsilac, de onde vinha o contato, quem que começou?

**Poty Poran:** Minha avó. Minha avó conhecia lá, a gente tinha uma tia que a gente chamava de Tia Tatanhandu, A tia Cunhampé também, e a gente ia e ficava na casa dessas tias, eu não sei também se são tias de verdade. Talvez sim. Aí, a gente ficava na casa deles, quando tinha ritual, o ritual geralmente dura mais de um dia, então a gente tem que ir sempre para ficar mais de um dia, e a gente ficava na casa deles.

**MUSEU:** Mas era diferente, por exemplo, de vim daqui para cá, que você ficava brincando.

**Poty Poran:** Sim, bem diferente.

**MUSEU:** Lá era mais para ir para o ritual mesmo.

**Poty Poran:** Sim, era para ir para o ritual mesmo, e a casa é muito diferente. Aqui, apesar de ser mato, lembra que era o meio termo? A casa é uma casa de alvenaria, de chácara, enquanto na Tenondé Porã é aldeia, casas feitas tradicionalmente, de barro, a vida bem diferente da vida aqui, aqui a gente tinha água encanada, lá na Tenondé tem que ir até o rio pegar água, tudo bem tradicional.

**MUSEU:** Bom, então, se a gente puder avançar temporalmente.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** A gente estava, mais ou menos, nos seus nove anos.

**Poty Poran:** Vamos pular para quando meu avô falece.

**MUSEU:** Vamos para lá.

**Poty Poran:** Que aí quando meu avô faleceu.

**MUSEU:** 92?

**Poty Poran:** Isso. Quando meu avô faleceu. Na verdade, acho que não foi em 92, não. Eu acho que eu falei 92, mas 92 foi quando a outra aldeia começou, eu acho que meu avô faleceu em 90, uns dois anos antes.

**MUSEU:** Início da década de 90.

**Poty Poran:** É, porque eu me lembro que eu tinha entre 12, 13 anos, quando meu avô faleceu, e aí a gente começou a ter Opy, aí que eu falei, minha avó respeitou a vontade do meu avô, de não ter Opy aqui, enquanto ele estivesse vivo, e meu avô respeitou a vontade da minha avó de não ter igreja aqui enquanto ela estivesse viva.

**MUSEU:** Uma paz.

**Poty Poran:** Isso. Como eu disse, eles sempre negociaram as coisas, pelo menos é a minha ótica, o que eu entendia que acontecia entre eles. Aí depois que meu avô faleceu foi feito o Opy aqui, foi feita a casa de reza, e aí a minha tia, minha tia Iraci, foi que se casou com um indígena, ela se casou com o Sebastião, aí o nome dele em guarani é Tatanhandu. Ele é tcheramoi, que significa pajé. Então ele veio, ajudou a construir a casa de reza e se tornou o pajé daqui, da nossa aldeia.

**MUSEU:** Sua tia irmã da sua mãe?

**Poty Poran:** Isso, irmã mais nova, caçula. E aí eles montaram o Opy aqui, e aí começou a ter a reza, mas eu acho que foi bem um pouco mais para frente, que aí 92, começou a aldeia aqui, lá em cima, que aí a minha mãe já estava separada do meu pai, e mudou para lá, e meu pai ficou morando aqui com a gente ainda, um pouco, até ele falecer. Uma bagunça, eu lembro mais ou menos, é que as datas são um pouco complicadas. Lembra que eu falei que os guaranis não ligam muito para data, não é?

**MUSEU:** Sequência, não é? Sequência de acontecimentos, não é?

**Poty Poran:** Sim.

**Poty Poran:** Porque, por exemplo, eu lembro que meu pai se separou da minha mãe eu tinha 15 anos, então foi em, se em 87 eu tinha dez, em 90 eu tinha 13, 92 eu tinha 15. É, então está certo. Olha só.

**MUSEU:** 92.

**Poty Poran:** Sim. E foi quando começou a ter a outra aldeia, um pouquinho mais para frente, deve ter sido 93, por aí.

**MUSEU:** É uma dessas oito, não é? Que você mencionou.

**Poty Poran:** Isso. Aí chama de Tekoa Pyau, que significa aldeia nova, mas ela é a segunda mais antiga, a primeira mais antiga é essa que a gente está. E aí começou a casa de rezas, e aí a gente começou viver a tradição mais firmemente, porque antes a gente ia até os outros territórios para viver a tradição, que aí, na verdade, era só os rituais mais importantes, porque para nós, a nossa religiosidade, a gente vai no Opy todo dia, entendeu? Vai na casa de reza todo dia. E tem, claro, as datas importantes que a gente tem por ano, que aí faz o ritual, que é um tipo de ritual de passagem do tempo, que a gente chama de Araymã e Arapyau. Araymã é tempo velho, que não significa no passado, ou coisa assim, a gente inclusive está vivendo o finalzinho o Araymã. Araymã é, como é que chama? Outono e inverno. E Arapyau, que seria tempo novo, que também não é necessariamente um ano novo, é um tempo novo, um tempo de renovação. Primavera verão. Então agora a gente está fazendo os rituais, nesse momento, agora entre agosto e setembro, a gente faz os rituais de passagem de Araymã para Arapyau. Então está tendo, inclusive nos Opys, a gente tem os nossos rituais, traduzindo não literalmente, seria batizado de ervas, de erva-mate. Então a gente começou viver a nossa tradição religiosa mais firmemente, e começamos a frequentar o Opy, fazer os nossos rituais aqui mesmo, nossos rituais de passagem fazer aqui mesmo, na aldeia, então a gente começou a ter, assim, um vínculo mais próximo com a nossa tradição. E aí começou a vim outras famílias para cá, porque aí quando tem o Opy outras famílias começam vir, aí não tinha mais a minha família, dos meus avós, dos meus tios, aí começaram a vim as outras famílias, inclusive foi por isso que começou a aldeia lá em cima. A primeira família a morar lá foi a minha mãe, com o seu novo marido, tinha separado do meu pai, já tinha arrumado outro marido e foi morar lá em cima, e aí outras famílias quando vinham, vinham para lá, vinham para cá, e aí começou o aumento de população, tanto que quando essa terra foi demarcada, em 86, a gente tinha 6 famílias, cerca de 30 pessoas. Já para 95. Não, eu não vou falar 90, vou falar agora. Hoje a gente tem cerca de 180 famílias, 750 pessoas.

**MUSEU:** Tanto nascimento, de pessoas daqui mesmo, como a vinda de pessoas para viver aqui.

**Poty Poran:** Vinda. Isso. Algumas famílias, a maioria, são pessoas que veio.

**MUSEU:** Guarani?

**Poty Poran:** Guarani. Guarani Mbya. A gente tem algumas outras etnias aqui, mas geralmente são tipo isso que aconteceu com meu pai e minha mãe, pessoas que casaram com indígenas de outra etnia. A gente tem uma família aqui que é Terena e Guarani, a gente tem outra família, lá no Itakupe, que é também de outra etnia, mas geralmente a maioria é Guarani Mbya.

**MUSEU:** As casas de reza são fundamentais para presença dessas pessoas.

**Poty Poran:** Sim. Eu acho que a casa de reza, assim, eu falo que a gente tem três pilares para identidade cultural, que aí seria a casa de reza, que é a nossa religião, religião viva, religião tradicional de milhares de anos, de antes da invasão do Brasil; a fala, a língua, tanto é que até hoje tem crianças que falam guarani, tem pessoas mais velhas que falam

guarani, que só falam guarani, que até entende português, mas não fala português com você, vão falar sempre em guarani. E a própria tradição, o modo de viver, o modo de olhar o mundo, então eu acho que esses três pilares são fundamentais para a nossa identidade cultural.

**MUSEU:** Bom, então a gente estava falando aqui do momento em que se instalam, abrem as casas de reza aqui, outras famílias vêm viver, isso lá meados já da década de 90, mais ou menos. Você com 15, daí vamos começar avançar, talvez, no tempo. Um pouquinho da sua trajetória, então ainda vivendo aqui, estudando aqui, em escola?

**Poty Poran:** Sim. Eu sempre estudei em escola juruá, que juruá é não indígena, porque nem existia escola indígena aqui no território. E aí eu me formei acho que em 97, se não me engano, 98, e eu fiquei um pouquinho, deixa eu ver, 2015 eu tinha 15. 95. Eu estou pensando que eu tinha 15 em 2015, estou achando que eu sou mocinha. 95 eu tinha por volta de 15. 95. Sei lá. 92 eu tinha 15, então em 95 que eu acho que eu me formei. É, isso aí. Me formei no ensino médio, terminei o ensino médio e eu meio que fiquei, assim, sem saber o que eu ia fazer, então eu fui trabalhar aqui nas empresas mesmo. Eu lembro que meu pai queria muito que eu estudasse, o desejo dele é que eu entrasse em alguma faculdade, ele queria muito que eu fizesse direito, e minha mãe também queria que eu fizesse enfermagem, que sempre foi o sonho dela, ela nunca conseguiu fazer enfermagem, e aí não fez nenhum dos dois. Mas aí, assim, eu estava vivendo a vida assim, a minha irmã já estava se envolvendo com alguém, acho que quando ela tinha 15 anos ela se casou.

**MUSEU:** Desculpa, não sei se eu te perguntei. Você tem irmãos?

**Poty Poran:** Isso. Não falei, não é? Eu sou a mais velha.

**MUSEU:** Você é a mais velha.

**Poty Poran:** Eu sou a mais velha desse. Lembra que eu falei que meu pai tinha outras famílias, não é? E minha mãe tem um filho que é de outro homem, mas ela não casou com ele, ela só teve ele, que é o Jurandir, ele vive aqui na aldeia também, também é casado com indígena, sempre morou dentro da aldeia. Ele nunca morou fora, ele nunca morou na cidade, meu irmão, ao contrário de nós, porque ele foi criado pela minha avó. Então somos, assim, nucleozinho somos três, porque aí eu sou a mais velha, aí tem a Jaciara que é minha irmã do meio, e o Joabe que é meu irmão caçula. Os nomes guaranis são, eu sou Diatchuca, a Jaciara é Arete e o Joabe é Karaí. Depois eu vou explicar um pouquinho dos nomes. E aí, por volta dos 18 anos, 19 anos, minha irmã já tinha casado, e eu estava meio, assim, sem saber o que ia fazer, mas aí minha avó, minha avó era cacique já, da aldeia, porque meu avô era considerada cacique antes, depois que ele faleceu, alguns dos filhos foram sendo cacique durante um tempo, mas depois eles largavam, e minha avó foi a cacique, mais ou menos nessa época aí ela foi cacique durante muito tempo, mais de 15 anos, até ela falecer. Então minha avó já era cacique, ela já era uma senhora, e a minha avó não sabia ler, e tinha um pouco de dificuldade, assim, nas tratativas com as políticas não indígenas, então muitos netos iam com ela nas reuniões. Aí um neto ia em uma reunião, outro neto ia em outra, e eu como estava nessa vida, assim, sem saber o que ia fazer da vida, acho que eu tinha acabado de sair de um emprego, porque os empregos que eu, o ensino médio, os empregos são tudo empregos, assim.

**MUSEU:** Temporário.

**Poty Poran:** É. Não era temporário, mas são, assim, atendente, ajudante geral, esses empregos assim, então eu estava trabalhando assim, eu não gostava, eu estava em um emprego que era bem ruim, era uma fábrica de móveis que eu ficava sozinha, e eu carregava muito peso, tinha um cheiro de cola muito forte, então por isso eu tinha saído, então eu estava meio sem fazer nada, não estava trabalhando, nem estudando, eu já tinha terminado, e aí minha avó me chamou para ir para as reuniões com ela, para acompanhar ela, e eu tinha tempo, então eu comecei acompanhar ela nas reuniões. Aí foi quando a gente foi em uma reunião de educação indígena, educação escolar, mas era uma coisa, assim, várias lideranças estavam lá, vários caciques, várias aldeias, aqui do estado de São Paulo. Era uma reunião com o secretário do estado de São Paulo, de educação, então eu estava junto com a minha avó, e aí eu me lembro muito bem, acho que era Rosa Rosenberg, que era a secretária de educação, e aí ela estava falando que a aldeia aqui era um exemplo de educação, era um exemplo de educação, porque a média era sétimo ano, sétima série, na época era série, muitos de nós conseguia terminar o ensino médio por causa da escola aqui. Aí eu lembro de ter ficado muito brava com essa fala, porque eu falei, até falei assim para elas: “Como que você pode considerar um exemplo de educação, se a minha geração não fala mais guarani?”. Então a geração, tinha três gerações, meus avós, meus tios e minha mãe, e nós, os netos, a maioria de nós não falava guarani. Claro que a gente sempre teve contato com a língua guarani, a gente tinha ideia e sabia de várias palavras, de várias coisas assim, éramos bilíngues, mas domínio da língua guarani a gente não tinha mais. Todos nós fomos alfabetizados em português, a gente frequentou a escola durante anos, 15 anos, só aprendendo português, matemática, as aulas de juruá. E aí eu falei para ela que isso não era exemplo de educação. Isso era exemplo de como se perde uma cultura, de como se perde uma identidade cultural. Lembra que eu falei para você? Três pilares da nossa identidade cultural, uma delas é a língua. Como que a gente já tinha perdido um pilar, não é?

**MUSEU:** Bom, então vamos voltar para a reunião.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** E aí você disse para a secretária.

**Poty Poran:** E aí eu lembro de ter aberto essa discussão, de ter levantado essas questões, e aí a minha avó pegou e falou, depois que a gente voltou, a gente chegou aqui, aí minha avó falou assim: “Já que você gosta tanto de ficar brigando com os Juruá, você pode ir nas reuniões agora em diante”, e aí eu fiquei como representante de educação escolar indígena, daqui da aldeia do Jaraguá, da aldeia Ytu. E aí eu comecei ir nas reuniões, como eu disse, eu estava desempregada, não tinha ainda escolhido o que ia seguir da vida, então comecei a ir, fui com a minha avó, aí eu sempre acompanhava a minha avó nas reuniões de educação, e também comecei a ir em algumas reuniões sozinha, como representando aqui da aldeia. E aí que eu participei do primeiro encontro de educação escolar indígena, lá no Cajamar, primeiro encontro estadual escolar indígena, que foi em 97, e do segundo encontro de educação escolar indígena, em 98. E aí, em 98, foi quando a gente discutiu sobre o NEEI, que era o Núcleo de Educação Escolar Indígena, que foi ligada ao estado, então quando a gente discutiu, em 98 foi falado que a gente devia ter. Aí em 99 acho que foi montada, foi criado o NEEI, Núcleo

de Educação Escolar Indígena, do estado de São Paulo, e aí começou a ter as reuniões, e eu era a pessoa que ia nessas reuniões. Eu acho que era reuniões mensais, era uma reunião por mês, e nesse momento a gente sempre discutia políticas de educação escolar. Aí em 99, já para o finalzinho de 99 que foi instituída, e em 2000 a gente teve, eu acho que não, acho que foi em 99 mesmo, eu não lembro direito ainda se foi 99 ou 2000, a presidente da mesa, do núcleo, que era a Deusdite, a gente estava falando sobre política, e tal, e eu falava por que não se construía uma escola indígena aqui na aldeia, a gente já estava indo aí com essas crianças, já tinha bastante criança. Ela pegou e disse que não construía escola porque a gente não tinha apresentado um projeto, um projeto arquitetônico, e aí eu peguei e falei assim: “Se eu apresentar o projeto você vai construir a escola? Ela falou: “Na próxima reunião do NEEI, se você trazer o projeto da escola, a gente vai construir”. Eu falei: “Então, palavra dada tem que ser cumprida”. Aí cheguei com uma missão impossível de fazer um projeto arquitetônico da escola. Eu tinha falado isso porque eu tinha conhecido um pessoal que era da FAU, que estavam fazendo uns estudos aqui, então eles estavam frequentando muito a aldeia, tinha feito uma amizade com eles, e aí eles pegaram, eu falei assim: “Olha, é o desafio. Que tal vocês fazerem um projeto arquitetônico da escola, para eu apresentar no NEEI. Eles falaram que se tiver o projeto eles vão construir”, aí a gente começou a reunir a comunidade, e eles, com seus estudos, trouxeram maquete, foi conversando e tal, e aí fez o primeiro projeto, que foi um projeto mais artístico, mas dentro da linha da arquitetura, que dava para ver bem como a escola ia ficar. Eles conseguiram fazer, em um mês, fazendo visitas aqui, conversando com a comunidade, reunião com a comunidade, e conseguiu, poucos dias antes da reunião eles trouxeram para mim o projeto. Aí quando teve a reunião, eu apresentei o projeto para ela, falei assim: “Está aqui o projeto. Cadê a escola?”, e aí ela ficou: “Nossa, não acredito que você conseguiu tão rápido”, ela pegou e falou: “Não, eu vou cumprir”, e a escola começou a ser construída em 2000. 2001 ela começou a funcionar, a escola começou a funcionar em 2001, e eu fui ser professora. Eu comecei a ser professora em 2001, eu já estava com meus 20 e poucos, 25 anos, eu acho, 24, e eu comecei a dar aula só com ensino médio, eu não tinha faculdade, mesmo porque, como eu disse, eu não sabia o que eu ia fazer da vida, tanto é que eu falo que a educação me escolheu, eu não escolhi a educação, a educação que me escolheu. E aí eu fui ser professora, a primeira professora aqui dessa terra indígena, e aí junto com outros indígenas de outras terras, fomos sendo professores. Eu comecei um curso, em 2002 entrei na PUC, pedagogia. Em 2002. Em 2002 entrei na PUC, no curso de pedagogia. Em 2003 a gente começou a fazer um curso. 2002 mesmo, na verdade, eu acho. Não lembro direito. Não é 2003.

**MUSEU:** Eu lembro de outras entrevistas, de você falar 2002 Pindorama, o projeto.

**Poty Poran:** Isso. Não, é porque Pindorama é o projeto.

**MUSEU:** Então começou em 2002, não é? O projeto em si.

**Poty Poran:** Isso. É porque, Pindorama, é que, assim, esse da faculdade também é uma história bem legal. Na verdade, a gente foi procurado aqui, naquela época tinha o Cursinho da Poli. Lembra o Cursinho da Poli? Ele era bem famoso, era enorme, tinha muita gente, mais de 100 pessoas em uma sala de aula, que eles falavam até com microfone. Então, e aí tinha uma parte social do Cursinho da Poli que quis dar bolsas para indígenas, não só indígenas aldeados como eu, mas como indígenas da cidade também, indígenas urbanos, que chamados indígenas urbanos, eu acho que eles não

gostam desse termo. Depois tem que ver. Acho que são indígenas não aldeados. Então a gente tinha ali um grupo de Pankararu e Guarani. Quando eles falaram isso, e como eu era representante de educação todo assunto de educação vinham falar comigo, aí eu consegui aqui um pessoal para fazer o curso, eu mesma fiz o Cursinho da Poli, eu ainda não sabia o que eu ia fazer. Na verdade, já pensei, já estava entrando na educação mesmo, só que eu queria fazer literatura, porque eu achava que literatura ia me dar mais ferramentas para falar, para estudar guarani e para dar aula de linguagem na aldeia, aí eu comecei a frequentar junto com esse projeto do Cursinho da Poli. Quando a gente chegou no fim do ano, que era para fazer, como é que fala? Os vestibulares, o Cursinho da Poli entrou em contato com várias instituições de universidades, para saber se a gente tinha alguma chance, se podia ter um tipo de cota, naquela época não se falava em cota, se tinha alguma cota, alguma possibilidade de ter alguma coisa. Eu lembro que eles falaram com a PUC, com a Mackenzie, com Campinas e com a USP, aí o único que falou que ia dar uma chance foi a PUC, e aí PUC perguntou assim: “Quantos são? Quantos indígenas estão estudando?”, no total, 23, contando os indígenas não aldeados também. 23 não, acho que era 24. Ele falou assim: “Quem passar ganha bolsa. Faz o vestibular normal, todo mundo, tal, mas quem passar vai ganhar bolsa 100%”, aí eu lembro que eles falaram para a gente, no Cursinho da Poli, e a gente estudando, e a gente se inscreveu. Eu me lembro de ter feito dois vestibulares, da USP e o da PUC. Quando teve o vestibular da USP foi primeiro que o da PUC, quando eu fiz o vestibular eu entrei, assim, na sala, fui normal, com todo mundo, eu entrei na sala, aí eu senti a pressão, todo mundo assim: “Mais uma candidata”. Eu fiz assim: “Hum”, aí eu me programei, do jeitinho que o pessoal tinha falado, duas horas de prova, você para um pouquinho, vai no banheiro mesmo se você não está afim, só para respirar, depois volta. Aí eu fiz tudo, fui, eu não passei na USP. Aí quando eu fui fazer a prova do cursinho da PUC, a PUC tinha separado um prédio, uma sala só para os indígenas. Então, quando eu cheguei na sala, assim, o pessoal: “Oi. Oi”, eu: “E aí, tudo bem? Legal, que bom ver você”, então foi um outro clima totalmente diferente. A gente fez a prova, do jeito que manda, com o pessoal olhando, tudo bem certinho, e aí os 24 passaram. E aí o reitor já tinha falado que quem passasse ganhava a bolsa, aí ele teve que dar 24 bolsas integrais para indígenas.

**MUSEU:** Foi a primeira turma?

**Poty Poran:** Foi a primeira turma. Não tinha ainda o projeto Pindorama. Aí depois disso ele falou: “Espera aí. Calma aí, também não dá para eu dar 24 bolsas todo ano para indígenas”, que ele tinha achado que ia passar no máximo três, ele não achou que ia passar todo mundo, e passou todo mundo. Então eles começaram a pensar no projeto Pindorama. O projeto Pindorama, na verdade, é depois que eu entrei na PUC. E aí eles passaram a dar 12 bolsas por ano, todo ano, desde 2001. 2002. Desde 2002, porque 2001 a gente fez a prova, 2002 a gente se matriculou, então acho que provavelmente desde 2002. A primeira turma, 24 alunos, a segunda turma, 12. E desde lá são 12 vagas para indígenas no estado de São Paulo, na PUC de São Paulo, para qualquer PUC. Na verdade, é para qualquer PUC de São Paulo, eles tinham essas vagas, eu ainda não sei, faz tempo que eu não converso com o pessoal do Pindorama, eu não sei como é que está o projeto agora. E aí o Cursinho da Poli é isso, foi fazendo turma, o pessoal foi estudando e foi entrando no Cursinho da Poli. A maioria, a grande maioria, são indígenas não aldeados, e muitos aqui, alguns indígenas daqui se formaram na PUC também, aqui.

E aí a gente começou a estudar, a PUC, e aí também a gente tinha uma negociação ainda com o NEEI, para formação de professores indígenas. E aí em 2003, se eu não me engano, é, 2003, eu acho que 2002 mesmo, no finalzinho, começou um projeto de formação para professores indígenas, só que ligado ao governo do estado, e aí a gente começou com o CEFAM. Quem tinha, eu, por exemplo, que já tinha o ensino médio completo, eu fiz seis meses de CEFAM. Quem não tinha o ensino médio completo, tinha algum estudo, fazia o CEFAM durante um ano para terminar o ensino médio. Então teve esse projeto, e eu lembro de eu ter feito em seis meses, eu e outra turma. Não fui só eu, tinha várias pessoas que tinham ensino médio completo, outros indígenas, de outras regiões, nosso também aqui, acho que aqui tinha cinco ou seis, indígenas que começaram a fazer, muitos deles já tinham ensino médio completo. E aí, em 2003, começou o curso da USP, de formação de professores indígenas, começou o curso da USP, que aí era formação universitária de professores indígenas, e aí esse curso também foi aberto para todos os indígenas que tinham ensino médio completo, não necessariamente que tinha feito CEFAM, mas a gente tinha 81 indígenas, do estado de São Paulo inteiro, não só Guarani Mbya, mas as quatro etnias que têm aldeia demarcada em São Paulo. Cinco etnias. Terena, Krenak, Kaingang, Guarani e Tupi Guarani, essas são as etnias que têm aldeia demarcada aqui no estado de São Paulo. Todas essas etnias tinham vaga nesse curso. E aí a gente começou em 2003 o curso, e eu comecei a fazer a PUC e a USP, ao mesmo tempo. Projeto da USP era um projeto de a gente estudar 15 dias intensivo, na USP, e um semana na aldeia, era híbrido, 15 dias na USP, que a gente estudava das 8 às 5, e uma semana na aldeia, que a gente fazia só pesquisa, dava aula, que a gente já estava dando aula, e a gente estava fazendo isso, e aí eu passei 2003 fazendo a PUC e a USP, 2004 eu fiz a PUC e a USP. É. Aí no finalzinho de 2004, se eu não me engano, 2005. É, 2005. Eu entrei em 2002, 2003, 2004, 2005, isso mesmo. Aí, em 2005, eu já estava diretora da escola, porque vários outros indígenas que estavam se formando já podiam dar aula, então já tinha entrado vários indígenas aqui, Guarani Mbya mesmo, para dar aula, e eu já estava diretora da escola, eu tinha acabado de me arrumar com um indígena, que é o pai dos meus filhos, e aí eu casei, fiquei grávida, estava casada, grávida, e diretora, fazendo a PUC das 8 às 5, e aí depois eu pegava um ônibus, que era lá em Santana. Quando eu fazia o CEFAM era também oito horas, também, assim, lá em Santana, aí eu fazia o curso lá, quando terminava eu ia para a PUC, que a da PUC era das 7 às 11 da noite, então eu fiquei fazendo isso, eu ia de manhã, de manhã eu estudava no CEFAM, a noite eu ia para a PUC, e depois quando eu passei para USP continuei na mesma coisa, estudava de manhã, durante o dia, na USP, e à noite eu pegava lá o metrô, tal, ia lá para Perdizes e fazia a PUC, só que aí eu estava fazendo a USP, a PUC, estava grávida e era diretora de escola, então eu falei assim: “Não vai dar. Não vai dar.”

**MUSEU:** E você era diretora de escola aqui?

**Poty Poran:** Isso, dessa escola indígena aqui, que foi a primeira escola indígena construída pelo governo estadual, com intenção de escola indígena.

**MUSEU:** Com origem daquele plano lá.

**Poty Poran:** Isso. É, de 2000. Como é que fala? Aí eu era diretora aqui, porque as outras escolas indígenas também já existiam, mas muitas delas foram construídas, ou pela FUNAI, ou por ONGs, por igrejas, por ONGs, não eram construídas pelo governo estadual. O governo estadual foi a primeira, depois o governo estadual começou a

construir várias escolas, seguindo o modelo que a gente tinha feito em outras aldeias, nas outras aldeias aí, alguma mudança, porque sempre tem que ter aval da comunidade, tem mudança de estrutura, de tamanho, de local, assim, mas era seguindo, mais ou menos, o padrão que a gente fez aqui, porque o padrão daqui é um padrão bem Guarani. Essa parte, a parte quadrada, é voltada para o sol, e a parte redonda é voltada para o pôr do sol, e lá tem uma parte mais quadrada e uma parte arredondada. Aí quando eu estava fazendo a PUC e a USP eu achei que eu ia ter um treco, e aí eu pensei em trancar a PUC. Por quê? Porque a USP era um projeto, era formação de professor indígena, a PUC é pedagogia. Por mais que doía o coração de trancar a pedagogia, eu sabia que eu ia ter mais chance de depois de concluir a pedagogia, do que se eu desistisse da USP, era possível nunca mais ter. Tanto é que até hoje não teve outro curso de formação professor indígena, específico para professores indígenas, não teve mais, essa foi a única turma, 81 professores formados. E aí, então eu tranquei a PUC, fiquei só na USP, acabei me formando lá, em 2005, acho que 2005. Não. Eu sei que a gente acabou, eu não sei muito bem das datas, se estão batendo, porque eu me lembro que quando eu terminei o curso, o meu filho já estava com três anos e eu estava grávida da minha segunda filha. Eu lembro que foram três anos de estudo, é, foi mais ou menos 2005 mesmo, que eu estava terminando a PUC, mas aí como faltava um semestre, faltava um semestre para eu terminar, que eu tranquei, faltava um semestre para terminar, eu tranquei no meio do semestre, não no meio do semestre, no começo do semestre, acho que foi mais ou menos agosto, é, agosto que começa o segundo semestre, foi mais ou menos nessa época que eu tranquei. Aí meu filho nasceu em 2006, bem no comecinho do ano, então eu levei até quase ter outro bebê, até quase ter o Vinícius, eu desisti mesmo porque eu já estava grande, estressada e não conseguia mais mesmo. E aí eu tranquei a PUC, e eu resolvi fazer a USP, aí em 2000, porque eu me lembro que em 2009, que foi quando a minha filha nasceu, foi quando a gente pegou o diploma da USP. Eu me formei, aí voltei, eu saí da direção, depois que meu filho nasceu eu saí da direção da escola, fiquei só sendo professora, e aí eu fiquei por aqui, na aldeia, quando minha filha tinha mais ou menos uns três anos, não, quatro anos, que aí foi acho que 2013, e eu me mudei para a terra indígena Tenondé Porã, que é a terra originária do meu ex-marido, do pai dos meus filhos, e lá eu fui ser professora. Aqui, além de ser professora, eu também cuidava um pouco da parte política da comunidade, sempre ia em reuniões, sempre estava resolvendo isso ou aquilo, e isso também estava me deixando muito estressada, assim, e quando eu fui lá para Tenondé eu tinha duas promessas, uma que eu não ia me envolver em outros assuntos que não fossem relacionados à educação escolar indígena, porque aqui eu pensava em todos os assuntos. A segunda é que, em algum momento, eu ia ser coordenadora pedagógica da escola, que era uma coisa que eu queria muito, e aí eu fui, mas era um golpe, porque eu fui ser professora, em 2013 eu fui professora, 2013, 2014, acho que 2014 eu assumi a direção da escola, porque a pessoa que me convidou para ir para lá, falando que eu ia ser coordenadora pedagógica, já estava na intenção de sair para eu assumir a direção da escola, então por isso que foi golpe.

**MUSEU:** Mas ela confiava muito em você, não é? Por outro lado.

**Poty Poran:** Eu peguei e fui, acabei me tornando diretora da escola lá, da Tenondé Porã, que é a escola indígena, Escola Estadual Indígena. Eu fiquei sendo diretora lá por um tempo, até 2016, quando eu fui para outra aldeia, que é a aldeia do Krukutu, que é ali na região da Tenondé Porã também, ali no Marsilac. Cheguei a morar lá, mas morei

pouco tempo. Depois voltei para Tenondé. Fui ser diretora dessa escola, no Krukutu. Ali eu não entrei como professora, eu fui direto para direção, por conta de trocas lá, coisas de políticas da aldeia mesmo, tirar um diretor, entrar outro, mas eu sabia que eu não ia ficar muito tempo na direção, porque a ideia era uma outra pessoa que já ia assumir, ela só precisava arrumar umas coisas da documentação dela, e eu fiquei como diretora acho que um ano e pouquinho, um ano e meio, eu acho, diretora da escola do Krukutu, e eu estava grávida já agora da minha filha, em 2016, da pequena, ela nasceu em 2017. Quando ela nasceu, mesma tradição que eu fiz, não era mais diretora, voltei para sala de aula, para dar aula, para ter tempo de ficar com meus filhos. Então em 2017 minha filha nasceu, eu fiquei sendo professora.

**MUSEU:** Lá no Tenondé.

**Poty Poran:** Isso. E aí morava na Tenondé Porã e dava aula no Krukutu. São terras indígenas próximas, é quase 1 quilômetro de distância, o único problema é que não existe transporte, assim, então é só uma estrada de terra que, ou você tem carro e vai com o seu carro, ou você vai a pé, eu nunca tive carro, e eu nunca tive vontade de ter carro, a não ser nessa época. Nessa época, assim, foi o momento que eu mais quis, na minha vida, ter carro, e aí o momento que eu me arrependi de nunca ter tirado carta de motorista e nunca ter tido um carro. E teve dias que eu fui a pé, barriguda, grávida, com os meus dois filhos, carregando eles para ir para dar aula. Então, aí 2017 minha filha nasceu, já fui direto quando voltei da licença maternidade, já fui ser professora, de novo. Só que mesmo assim eu dava aula em dois turnos, porque precisava, mais porque a escola precisava, menos porque eu queria, na verdade. Eu queria mais devagar, nunca gostei, assim, de dar aula dois turnos. Mas teve momento na minha vida que eu já dei aula três turnos, porque, por conta da minha formação, eu conseguia dar aula tanto para os pequenos, da educação infantil, educação básica 1 e educação básica 2, e até ensino médio eu cheguei a dar aula. Então eu dei aula para isso e também já dei aula para formação de adultos, mas em alfabetização e também outras coisas, então eu dei aula de ciências, dei aula de história, eu dei aula de geografia, matemática e português-inglês, tudo isso eu dei aula. Uma coisa que eu não contei também é que quando eu passei na PUC, eu passei em literatura. Lembra que eu falei que eu queria fazer? Eu passei em literatura, mas para eu dar aula aqui na escola eu tinha que fazer pedagogia, então eu transferi meu curso de literatura para pedagogia, lá na PUC mesmo. Então eu dei aula de tudo isso, aqui, lá na Tenondé, lá no Krukutu. E aí no Krukutu, eu estava dando aula dois turnos, de manhã eu dava aula para os pequenos, que o que eu mais gosto é alfabetização, que aí pega segundo ano, que são crianças entre oito e nove anos, e à tarde eu dava aula de português-inglês. Também dei, como eu já disse, já tinha dado aula de história, e tal, mas lá no Krukutu eu estava dando só essas matérias, eu não queria passar para outras matérias, então eu dava aula de manhã todos os dias, das 07:00 ao meio-dia, e da 13:00 às 17:00 em alguns dias da semana, mas eu dava para todas as turmas que tinha lá, porque era uma escola muito pequenininha. Tinha uma turma por série, um primeiro ano, um segundo ano, aí depois do quinto ano em diante que é o sexto ano, que vai ter português-inglês, tinha um sexto ano, um sétimo ano, então dei até o nono ano.

**MUSEU:** E para você que estava grávida nesse momento.

**Poty Poran:** Nesse momento eu já tinha tido o bebê.

**MUSEU:** Já tinha tido o bebê. Mas eu queria saber um pouco da diferença, assim, do ritmo de vida, da Tenondé Porã para cá, você sentia isso um pouco?

**Poty Poran:** É muito diferente, mas na minha segunda vinda, não na minha primeira. Na minha primeira, eu me acostumei muito com a Tenondé Porã. Eu achei que eu ia, falei assim: “Nossa, vai ser difícil eu me adaptar”, mas não foi nada difícil, eu cheguei praticamente integrada na comunidade, todo mundo me esperava, eu me senti muito acolhida, e eu me adaptei muito com o local, que era um local, assim, afastado da cidade, mata, tem onça lá, tem bugio, tem coisas assim, e é um silêncio, e eu era a mais isolada ainda na minha casa, minha casa é um pouco distante do centro da aldeia, que a aldeia tem um centrinho onde várias pessoas moram, e tem umas casas um pouco mais distantes. Minha casa era uma dessas mais distante, e eu adorava essa paz, adorava viver aonde eu viva, sabe? Era um pouco isolado, poucas pessoas iam me ver, mas eu tinha contato, e saía para trabalhar, voltava, e era, assim, uma paz, eu adorava dar aula lá e trabalhar lá. No Krukutu também. No Krukutu, o problema foi a casa que eu morava, que é uma casa tradicional Guarani, que aí seria uma casa de barro, coisa assim, que a madeira estava com cupim, ou algum outro bichinho, mas deve ser cupim, que aí soltava pozinho, soltava vários pozinhos, e a minha filha mais nova tinha bronquite, então a gente morou lá uns quatro meses, eu acho, cinco meses, só que ela estava tendo crise de asma, crise, bronquite alérgica, toda hora, teve um momento que ela ficou internada sete dias no hospital, a gente saiu, só que eu não fui para casa, estava em um curso de extensão universitária. Fiquei uma semana fora, a gente voltou para casa, ela teve outra crise, ficou internada de novo mais sete dias. Quando a gente saiu do hospital eu falei, eu estava separada já, do meu ex-marido, ele tinha ficado com a casa na Tenondé e eu tinha ido para o Krukutu, eu falei: “Pode sair da casa. Você sai. Sua filha está tendo crise, está indo para o hospital, e eu não vou voltar para aquela casa, eu não vou voltar para casa para minha filha ter uma outra crise. A gente teve uma separação, não foi, assim, foi uma separação conturbada, mas não foi agressiva, então a gente até hoje se fala, tudo, coisa assim, então ele saiu, mesmo porque não tinha nem o que discutir, era da filha dele que a gente estava falando, e aí eu voltei para casa na Tenondé Porã, entendeu? Mas sempre me senti muito bem lá, então era uma adaptação muito boa. Quando teve a pandemia, em 2020, eu era professora ainda, e aí a escola fechou, eu fiquei só na casa lá, na Tenondé, e eu acho que eu fui uma das poucas pessoas na aldeia que cumpri isolamento de verdade. Por que aldeia fazia cumprir o isolamento como? Você não sai da aldeia, mas você circula dentro da aldeia. Eu não, eu não saía da casa. Eu fiz assim. Como eu disse, eu já gostava um pouco desse isolamento, quando saiu, ninguém vem aqui, eu não vou na casa de ninguém, pronto, e aí eu fiquei bem isolada, em 2020. Eu fiquei muito preocupada lá, acho que a primeira criança a falecer de COVID foi uma criança indígena lá do Krukutu. Tanto é que, na verdade, foi diagnosticado o COVID dela meses depois do enterro dela, quando a criança faleceu ainda não tinha tido lockdown, aí a gente fez a cerimônia, que é a cerimônia comum da cultura Guarani, de ir a criança tudo, de ir no caixão, de ir velar. A escola fecha, por isso que a escola estava fechada hoje. A UBS não fecha porque é uma questão de saúde, não tem como fechar. E a escola tinha fechado, até falei para minha amiga, falei assim: “Olha, a gente não deve voltar a dar aula. Não deve voltar a dar aula, porque essa COVID, eu estava com muito medo, tinha muitas histórias vindas lá da China, coisas assim, de outros lugares, e eu falei assim: “Eu acho melhor a gente não ter aula mais. A gente fecha a escola e depois a gente recupera, vamos ver o que a gente faz”. A gente fez reunião com

a liderança, com as lideranças da aldeia, essa foi minha opinião, o pessoal também percebeu que não dava mais, e a gente fechou a escola uma semana antes de ter o lockdown. Aí a gente fechou a escola, logo depois que a criança faleceu a gente fechou a escola, a gente não sabia que a criança tinha falecido de COVID, achava que era apenas uma pneumonia comum, mas eu acho que, instintivamente, talvez, assim, como é que fala? Uma sensibilidade, a gente fechou a escola, fechamos a escola, uma semana antes, aí uma semana depois o governo declarou lockdown, e aí a gente continuou, então a gente fechou a escola até antes, fechamos a comunidade, as comunidades não tinham entrada não indígena para aldeia, foi fechado fisicamente, todas as aldeias fizeram barreiras físicas para as pessoas não passarem. Assim, eu vivi bem o isolamento, tinha contato com a minha família pelo celular, por telefone, que é daqui, inclusive, não era lá da Tenondé. Na Tenondé, eu só tinha parentes por parte do meu ex-marido, minha família toda é daqui. Então eu fiz o processo seletivo, passei nas três fases, e foi assim que eu me tornei gerente na UBS da aldeia, aqui do território. Aí eu comecei a trabalhar na saúde, na área da saúde, no meio da pandemia, antes de ter a vacina, mas logo que eu entrei, poucos meses depois, a gente conseguiu ter a vacina, e eu ajudei também no planejamento e na execução da vacina da comunidade aqui, na época eram seis aldeias, mas a gente vacinou, na época, 98% da comunidade, só quem não vacinou foram os que recusaram, e a gente não teve muita recusa, na época 12 recusas, depois dessas 12 diminuíram a recusa, então esse número diminuiu um pouco, então a gente vacinou quase 100% da comunidade, foi bem interessante aqui. A gente tinha também, como é que fala? Que estava tendo bastante, era hospital de campanha, não é? E tinha um hospital de campanha aqui na aldeia, mas era um hospital para leve, porque, como eu disse, culturalmente, a gente se isolou do mundo juruá, mas a gente não se isolou dentro da gente, e a COVID já estava dentro da aldeia, tanto que eu falei dessa criança que tinha falecido de COVID, a gente não sabia que ela tinha falecido de COVID. Outras, famílias aqui do Jaraguá, foram no velório, e todo mundo sabe, tanto é que teve esse protocolo de que as pessoas que morriam de COVID tinham 5 minutos de velório, com o caixão lacrado, por conta da contaminação. Então essa criança que faleceu foi velada do jeito normal, durante as 12 horas que a gente faz, com o ritual de fumaçar, de passar a mão em cima, de chegar perto, e aí outras pessoas, dos outros territórios indígenas foram lá, aqui do Jaraguá, foram lá nesse velório se despedir da criança. Então a COVID já estava dentro da comunidade, por isso que foi instalado os hospitais de campanha. Nos hospitais de campanha tinha médico, enfermeiro, todo equipamento que deve ter no hospital de campanha foi uma negociação entre principalmente lideranças desse território, com o governo estadual e o governo municipal da época, e foi montado esses hospitais de campanha, e as pessoas com COVID leve, para moderado, ficavam nesses hospitais. Porque, assim, como não havia esse isolamento na própria família, como qualquer pessoa naquela época, quando ficava com COVID, se isolava dentro de casa, no seu quarto, e os parentes te traziam comida, e tal, e ficava no isolamento no quarto. Na aldeia, as casas não são assim, as casas são um quarto para todo mundo, e o núcleo familiar nosso não é pai, mãe e filho, nosso núcleo familiar é pai, mãe, filho, avô, bisavô, tio, tia, papagaio, cachorro, então é um núcleo familiar estendido, os núcleos familiares podem ter 20, 30, 50 pessoas. Por isso que a comunidade, aí é enquanto comunidade ainda, não trabalhava na saúde, pensou nesses hospitais de campanha, que aí as pessoas que eram diagnosticadas com COVID iam para esse hospital, cumpriam o isolamento lá, mas não eram pessoas graves, as pessoas graves iam para fora, para hospitais realmente

equipados. A gente teve, nessa terra indígena aqui, a gente teve três casos graves, na grande pandemia mesmo, e depois mais um caso grave de uma criança, mas aí já não na onda, naquela época que estava com lockdown, com coisa e tudo, assim. Mas a gente não teve nenhuma morte aqui, nessa terra indígena. Na Tenondé Porã, que eu comecei a pandemia lá, teve a morte dessa criança, que demorou muito para ser diagnosticada, mas a gente teve morte de mais duas pessoas, de COVID, lá. E teve várias mortes por COVID em outras aldeias, mas eu acho que a nossa, se for ver a porcentagem, eu não sei se alguém fez um estudo sobre isso, não, se for ver a porcentagem, recortando só pela etnia Guarani Mbyá, eu acho que as nossas mortes são menores do que a dos outros.

**MUSEU:** Eu queria saber como você vê esse lugar de gerência de uma UBS, uma pessoa indígena, nesse território, como é que é, o que marca, assim, a tua atuação, o que você vê de diferente, que você tem atuado.

**Poty Poran:** Então, eu vou falar um pouquinho da diferença entre ser gerente e ser professora, para eu falar um pouquinho mais da minha vida e da minha rotina nisso. Primeiro, eu acho, assim, muito importante que nós, Guaranis, vamos ocupando os espaços que tem dentro da aldeia. A ideia é que um dia, a gente sempre falou isso, tanto quando eu era professora eu sempre falei para os meus alunos: “A ideia, um dia, é não ter profissional não indígena trabalhando na aldeia”, todos os professores indígenas, todos que trabalham na UBS indígenas, essa é a intenção. Só que todas as crianças que a gente perguntava: “Se você vai estudar, você vai estudar para ser o que?”, todo mundo queria ser professor ou motorista. E aí, depois, aqui na aldeia, a primeira, não a primeira, mas várias pessoas começaram a entrar aqui, aí a gente tinha agente de saúde, então as crianças, o que elas veem é o que eles se inspiram, não é? Então agente de saúde, a gente tem agente de saúde, a gente tem motorista, tem motorista mulher, são todos indígenas. Temos agentes de saúde, motorista, e a gente tem uma assistente social, que é a minha irmã, Jaciara, que fez o curso, eu não sei como é que fala, de assistente social.

**MUSEU:** Sim.

**Poty Poran:** Na PUC, pelo Pindorama. Foi uma das poucas pessoas indígenas que saiu da área de educação e começou a fazer um outro curso. Então ela é assistente social. Aqui ela trabalhou antes em outro lugar, na CASAI, que é a Casa de Saúde Indígena, como assistente social, e depois ela veio para cá. Então, inclusive foi minha irmã que avisou da vaga que tinha aqui, e que fez força para eu vir, porque eu não queria. Como eu disse, eu gostava muito da aldeia lá, mas eu não estava dando aula, estava no isolamento, falei assim: “Está bom. Não estou fazendo nada, então vou tentar”. E quando nós, indígenas, conseguimos ocupar esse espaço, são espaços que não serão mais cedidos para não indígenas, a não ser que seja, assim, acontece uma coisa muito, muito difícil, mas eu acho muito difícil. Se eu saio da gerência, outro indígena vai entrar no meu lugar, entendeu? Então quando a gente ocupa o espaço, esse espaço passa a ser da comunidade, passa a ser um espaço indígena, então eu acho isso muito importante, extremamente importante para nós, Guaranis, para a gente ter as nossas vidas, ser protagonista da nossa própria comunidade. E a outra coisa é a inspiração das crianças, dos jovens. Hoje em dia a gente já ouve jovem que fala que quer ser assistente social, a gente ouve jovem que fala que quer ser gerente, então a gente vê que os jovens começam a falar: “Se ele pode, ele é indígena como eu, é Mbya como eu. Se ela pode, eu também posso. Eu também posso ocupar esse lugar”, e eu acho que trazer essa motivação e essa esperança realmente muito importante. Agora, assim, quanto no caso

da rotina, mudou muito, muito muito mesmo, e eu não sei se eu posso dizer se é para melhor, porque, como eu disse, na escola eu carregava meus filhos, tudo aqui embaixo das minhas asas, carregava os filhos para lá, carregava os filhos para cá, e os filhos sempre muito comigo, então mesmo trabalhando muito eu acompanhei o crescimento deles. Quando eu vim para cá minha filha estava acho que com três anos, três, quatro anos, 2020, ela nasceu em 2017, e aí eu senti um pouco falta disso, de estar perto dela, de estar com a minha filha, porque, diferente da escola, eu não posso trazer a minha filha, não posso levar minha filha para escola. Diferente da escola, eu não posso levar minha filha até a UBS, eu não posso fazer ela estar comigo lá, é um local que pode ter doença, um local que pode ter contaminação, então eu não posso levar a minha filha para uma rotina de trabalho comigo, como era na escola. Na escola eu levava meus filhos comigo não importava a idade que eles tinham, desde o meu filho de 17 anos, levava. Quando terminou a licença maternidade, eu levava ele pra a escola. Tinha um bercinho, tinha um lugarzinho que eu botava ele lá, dava aula, pegava meu filho quando queria mamar, e eu sempre estava ali, então isso me deixou, assim, nossa, me deixou muito mal como pessoa, enquanto mãe, de ver minha filha não estar perto de mim, sabe? E até lembro de ter falado alguma vez com algum colega meu, falei assim: “Nossa, às vezes parece que eu me sinto, assim, meio vendida, meio capitalista, sabe? Estou me vendendo, vendendo a convivência com meus filhos por causa do trabalho”. É claro que, assim, é um sentimento, não é? Eu sei muito bem da importância de ser uma indígena, sei da importância do meu trabalho, e isso me consola, mas isso também me aflige nesses lados. E esse trabalho é um trabalho que é realmente em tempo integral, que eu tenho que me dedicar muito, e às vezes eu posso passar um pouco do horário do trabalho. E aí, por exemplo, frequentar o Opy, a casa de rezas, também prejudica, porque eu fico cansada, eu não quero ir para a casa de rezas depois que eu saio do trabalho. Então, às vezes, até já falei em reuniões com os meus superiores aqui mesmo, na aldeia, falando o quanto essa nova rotina me distancia um pouco do meu ser indígena, apesar de eu fazer sempre essa conexão, hoje mesmo durante o dia a gente teve reunião, do que eu estava falando, da nossa cultura, da nossa tradição, da visão de saúde, de saúde espiritual, mental, enquanto tudo isso é junto, ao mesmo tempo eu me afasto, eu não frequento o Opy tanto quanto eu frequentava, me afasto da minha família, então tem esses dois lados. Por enquanto eu estou conseguindo equilibrar, equilibrar muito bem, mas realmente é uma coisa que eu sinto muita diferença entre o trabalho na escola e o trabalho na UBS.

**MUSEU:** De alguma forma, isso se reflete às suas idas e vindas como diretora, um pouco, talvez, não é? Quando você falava disso, de quando você ficava grávida você deixava a direção e ia para sala de aula.

**Poty Poran:** Isso.

**MUSEU:** Porque era uma coisa também que acho que, de repente, já fazia parte também do seu cálculo do tempo.

**Poty Poran:** É, eu acho que sim. Porque toda direção é um trabalho burocrático administrativo, que é o mesmo trabalho burocrático e administrativo da UBS, então eu sempre me senti muito puxada nesse trabalho burocrático, então toda vez que eu tinha um filho eu saía da direção para eu dedicar mais tempo ao meu filho.

**MUSEU:** Olha, eu acho que em termos de perguntas a gente passou por todas elas, praticamente. Eu queria te perguntar se você poderia, um pouco, apresentar alguns objetos que você está utilizando, algum específico que você possa explicar um pouco para a gente o que são, explicar mesmo desses objetos, a importância deles para você.

**Poty Poran:** Tá bem. Bom, então esses apetrechos que eu estou, sei lá como se fala apetrechos, isso aqui é brinco, e em Guarani é Nametchá, são feitos de miçanga, mas a gente fazia brinco, antigamente a gente fazia brincos com sementes e pena, hoje em dia a gente ainda tem brincos de pena, é que nesse momento eu estou usando esse de miçanga. E minha avó dizia que a gente passava uma linha no brinco, assim, e amarrava, então ele ficava na nossa orelha até ele estragar, e aí colocava outro. Minha avó contava isso quando eu era criança. E furava a orelha com espinho de brejaúva, que é um coqueiro, um coqueiro bem grande. Esse daqui também é um colar Guarani, e esse daqui é uma sementinha, a gente chama de capiá, e aqui são miçangas, então ele é meio híbrido, tem a semente tradicional e a miçanga. A gente gosta bastante de usar miçanga, mas também usa bastante ainda materiais tradicionais, a diferença é um pouco das penas, é que as penas não são penas, são penas tingidas. Como você pode ver aqui, ela é um verde, mas ela não é natural, é uma pena de galinha que foi tingida, então a gente faz bastante isso, a gente tinge as penas. E esse daqui é um trançado Guarani, ele imita as costas da jiboia, e é feito de imbé e taquara. Esse aqui é uma caneta, mas é feito, assim, de maneira tradicional. Eu coloco no cabelo porque eu gosto do meu cabelo estar sempre com uma caneta, desde a época que eu era professora. Esse daqui é um cesto, um cesto Guarani. Também um traçado Guarani. Esse também imita as costas da jiboia, mas é um outro padrão, do padrão da caneta. É feito com imbé, esse pretinho aqui, é um cipó que chama imbé, e palha de taquara, que a gente chama de taquá, em Guarani. Imbé. Será que imbé é em português? Eu acho que imbé é em Guarani. Não sei o nome em português. Eu não tenho certeza. É um cipó. Deixa eu ver se eu lembro a planta. Imbé, o nome da planta que tem eu acho que é costela de adão, não tenho certeza.

**MUSEU:** Vamos pesquisar.

**Poty Poran:** Depois posso mostrar, talvez tenha uns aqui, na aldeia tem uns pés de imbé, não sei se dá para filmar agora à noite.

**MUSEU:** Atualmente é um artesanato utilizado?

**Poty Poran:** Sim. Esse aqui é embira, que é a casca de uma árvore. Antigamente, a gente usava esse cesto como colheita, para pegar as coisas, e para guardar também. Eu uso também para guardar as coisas, continua com o mesmo significado. Um pouco de diferença é que eu não uso só isso, eu uso outras coisas também, mas acabo usando bastante para carregar coisas, para guardar. Em algum museu, que eu acho que é no museu da USP, tem uma cesta dessa assim, que por dentro é passado cera de abelha, bastante cera de abelha, que deixa um isolamento, assim, dá para colocar água, aí fazia, botava água dentro.

**MUSEU:** Para carregar água para lá e para cá.

**Poty Poran:** Para carregar água. Que a gente sempre trabalhou muito com taquara e bambu, para fazer os instrumentos nossos. E aqui, que eu achei também, foram uns livrinhos que a gente fez na época da USP.

**MUSEU:** Deixa eu ver o próximo. Formação Intercultural Superior do Professor Indígena.

**Poty Poran:** Esse foi o trabalho de arte e português e guarani.

**MUSEU:** Faculdade de Educação, não é?

**Poty Poran:** Aí escrevi uns livrinhos desse. São iguais. Eles são em português e guarani. Português e em Guarani, tem os dois textos.

**MUSEU:** De repente, na USP a gente acha também, não é? Na própria faculdade, na biblioteca.

**Poty Poran:** Eu acho que ainda tem lá. E aí esses daqui foram livros de, porque assim, a gente não tinha livros, nem didáticos, nem livros paradidáticos, de língua Guarani, na escola indígena, então fomos construindo esse material durante o curso. A gente construiu alguns livros, não livros didáticos, mas livros de orientação de professor, voltado para o professor, e esses livros aqui são livros paradidáticos, também para ser dado na sala de aula, todas as etnias fizeram os seus. Como eu disse, tinha cinco etnias, cada etnia fez o seu montante de livro, que foi um trabalho em grupo que a gente fez, e aí do trabalho nosso eles montaram esses livrinhos. Acho que só teve uma única edição, e eu acho que não teve mais outra edição, não, para poder dividir nas aldeias. As escolas todas receberam, recebemos uma quantidade muito grande, eu acho que por isso que a gente tem até hoje esses livrinhos, na época. E ajudei a construir também o livro de educação escolar indígena, de alfabetização, estou lá como orientadora pedagógica do livro, que a gente chama de ([palavra incompreensível], ajudei a construir todos esses livros aí.

**MUSEU:** Poran, então vou agradecer muito a sua entrevista. A gente deixa o momento final para os nossos entrevistados e entrevistadas fazerem suas considerações sobre os deslocamentos indígenas, sobre esse tema, para você, um pouco, falar sobre ele, o que você acha sobre esse tema, sabe? Dos povos indígenas, esse deslocamento nesse território, um pouco dessa história. E para gente fechar, então, a entrevista.

**Poty Poran:** Então, esse fechar talvez demore, que eu acho que é uma parte muito importante.

**MUSEU:** É, não é fechar, é muito dramático. Mas é algo, assim, se você achou que teve algum aspecto que eu não trouxe aqui nas perguntas.

**Poty Poran:** Sim. Mas eu vou falar, porque eu queria bastante falar sobre isso, sobre a migração da época lá, dessa política de embranquecimento, a ideia do casamento com pessoas negras, para poder esbranquiçar, mas também teve uma parte muito violenta com os indígenas, porque essa população que veio de imigrantes europeus, eles vinham com a promessa de ganhar terra, e eles ganhavam terra, só que se esqueceram de avisar que essas terras eram ocupadas por indígenas, por povos indígenas, e aí o governo falava assim: “Olha, você vai ganhar esse terra para ir para o Brasil. Você pode ir lá e fazer sua plantação, fazer o que você quiser, só tem que limpar”, a ideia de limpar a terra era limpar de indígenas, então foi mais um momento de massacre. Eu vejo a história do Brasil como alguns momentos de massacre e de genocídio da minha população, da população indígena. A primeira foi em 1500 mesmo, com a invasão, que teve guerra mesmo, teve realmente uma coisa assim. A segunda é um pouco mais velada, que é com a parte da imigração dos europeus. E a terceira é com a ditadura, que a ditadura entrou muito forte dentro das comunidades indígenas, inclusive mudando algumas tradições, mudando algumas palavras da nossa cultura e da nossa tradição.

Então eu acho que essa foi uma parte de limpar o terreno, tem histórias muito fortes e pesadas sobre isso, de como isso foi acontecendo, essa ocupação territorial foi acontecendo. E para nós, Guaranis, a gente sempre foi uma população muito grande. Existe Guarani, hoje, em 2023, por dois motivos, primeiro, uma resistência nossa. E o segundo, o número da nossa população, é uma população muito grande, que teve muita queda do número de população, mas se manteve se resistindo, que aí populações menores acabaram sendo extintas, na verdade, porque outras populações indígenas realmente não existem mais. Hoje, no Brasil, em torno de 305 etnias, em torno de 290 línguas diferentes. E aí essa migração também, enquanto os indígenas, mesmo na época de 1500, na época da invasão, quando os não indígenas vinham, os Juruás vinham, uma parte do povo Guarani entra em conflito e uma parte foge, foge do contato, foge do conflito, e vai para mais dentro da mata, e consegue se manter assim longe da cultura Juruá, acho que um dos motivos também de conseguir manter a língua Guarani Mbya, e aí esse conflito vai afastando, então há essa migração, entre aspas, essa movimentação, acho que movimentação é melhor, a nossa movimentação populacional, também por conta da migração dos povos europeus, e depois uma volta, essa volta que foi mais ou menos na década de 60, um pouco na época lá do Marechal Rondon, então que fez assim a gente voltar, entre aspas, para as terras indígenas aqui, mas é uma parte da população, que uma parte da população ficou aqui. Então tem muito a ver, tem muito a ver essa movimentação histórica. E para a gente, como eu tinha dito antes, a gente não considera como migração a nossa movimentação dentro do território, a gente considera uma movimentação, que até hoje é feita, muitas famílias mudam, muitas famílias voltam, a diferença um pouco é a terra indígena ser estática, porque na nossa cultura, antes da invasão, a gente já fazia esse movimento, mas a gente não era um movimento naquele pedaço estático, a ideia era você usar a terra, os arredores, durante cinco anos, mais ou menos, até a terra ficar desgastada, até os animais abaixarem um pouco a população, e aí a gente mudava de território, para que aquele território se recuperasse. Não sei se a gente chegava a pensar nisso, mas esse sair desse território e ir para outro lugar, passar mais cinco anos no outro lugar, dava tempo daquele território se recuperar.

**MUSEU:** A gente está com o tempo bem no finalzinho, vamos cortar aqui hoje, mas eu acho que a gente, pode deixar ligado ainda, Marci. Ainda está indo? Quando a gente te receber um dia lá no museu, eu acho que a gente pode voltar para essa questão específica, que talvez a gente tenha mais assunto para abordar, e aí se você aceitar, a gente poderia acrescentar esse arquivo aqui primeiro, essa conversa só sobre essa movimentação indígena.

**Poty Poran:** Sim.

**MUSEU:** Que eu acho que a gente teria bastante assunto ainda para abordar.

**Poty Poran:** Eu acho legal.

**MUSEU:** Mas eu te agradeço muito, hoje, pela entrevista.

**Poty Poran:** Obrigada.

**MUSEU:** Muito obrigado.

**Poty Poran:** Obrigada também, foi bom conhecer vocês, falar com vocês.

**MUSEU:** Legal. Fechou.